

A utilização de tatuagens como (im)possibilidades de simbolização: um olhar psicanalítico

ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO
NATÁLIA CABRAL SAMPAIO
PAULA JULIANNA CHAVES PINTO

Quando pensamos acerca da utilização das tatuagens, nos dias atuais, ficamos com a idéia repentina de ser algo novo, próprio desta geração. Esse pensamento é logo substituído quando pesquisamos a utilização destas práticas desde os primórdios da humanidade.

Logicamente os sentidos e significações dados são tão variados quanto possível e está longe de ser este nosso objeto de investigação. O que nos chama atenção é o fato de observarmos hoje uma difusão na atual sociedade sobre esta prática e a maneira como esta vem ocupar um lugar privilegiado em alguns grupos sociais.

Esta questão é válida se nos lembrarmos como o uso de tatuagens, há algum tempo, servia como forma de marcar determinados grupos marginalizados da sociedade, tal como marinheiros, prostitutas, presidiários, etc.

Dentre os vários tipos de utilização das tatuagens, inclusive como simples adorno ou por modismo, o nosso foco de investigação será restrito a aqueles sujeitos que são tomados pelas tatuagens e se utilizam delas de forma compulsiva e repetitiva.

Pensando nisso, observamos que os estudos psicanalíticos vêm, cada vez mais, apontando para uma perda de um referencial mítico no sujeito atual, o que obviamente o leva ao desamparo, e o convoca a uma busca incansável por inscrever algo simbolicamente, nem que seja através de atos violentos contra o próprio corpo, como é o caso da prática das tatuagens.

Percebe-se que o ato de inscrição simbólica no corpo aparece devido à necessidade de que o sujeito possa ser singularizado, para assim ser mostrado ao outro. Dessa forma, vemos nos dias atuais que a utilização dessas práticas como tatuagens, piercings e outras que implicam na violência contra o próprio corpo, apontam para uma busca pela singularidade em uma época onde as diferenças tendem a ser aniquiladas. São vistas como uma estratégia última de experimentar a existência através da dor e fazer com que esta seja reconhecida pelo outro.

Desse modo, através das tatuagens os sujeitos buscam tornar os corpos libidinados, sempre na expectativa incansável de capturar o olhar do outro, se tornando assim, representados e individualizados.

Em Psicanálise pensamos o olhar como aquilo que inscreve e marca o sujeito. Para Lacan (1964), o olhar que encontramos é sempre o olhar que imaginamos no campo do Outro. Isso nos remete à idéia de que buscamos no olhar do Outro aquilo da infância que está para sempre perdido. Entretanto, compreende-se que o que encontramos no olhar do Outro nunca será aquilo que desejamos, posto que o Outro jamais nos olha lá de onde o vemos.

Em meio ao desamparo do sujeito, de nunca encontrar o olhar desejado, as marcações corporais vão se proliferando como uma tentativa última de mascarar essa falta e ao mesmo tempo de representá-la, dar a ela uma significação.

Isso pode nos levar a pensar acerca da necessidade de repetição desse vivido, em que uma inscrição na pele sempre se faz presente, a partir de um desejo de capturar o olhar do Outro, buscando resgatar algo que foi perdido, que a todo custo tem que ser recuperado, sem necessariamente precisar fazer uso da linguagem.

Castro (1986) coloca a compulsão à repetição como uma tendência inconsciente a restabelecer situações anteriores, visando obter prazer através do sofrimento. Isso nos convoca a pensar que, através das tatuagens, o sujeito inscreve e re-inscreve marcas repetidamente como uma tentativa de amparar a sua dor de nunca encontrar o objeto do seu desejo e assim obter prazer.

Essa tentativa de resgate da relação com o Outro, perdida na infância, demonstra também uma posição narcísica deste sujeito, na medida em que se faz presente o desejo de ter o Outro exclusivamente disponível para investir no sujeito e proporcionar-lhe prazer. De acordo com Lazzarani e Viana (2006),

A perda dessa posição idealizada sustentada pelo olhar dos pais faz com que o sujeito fique marcado pela angústia correspondente. Por outro lado, todo esse processo acaba por implicar o rompimento do sujeito com a alienação narcísica e a possibilidade de sua inscrição na alteridade, passando a estar apto a reconhecer a existência de outros ideais além daqueles regidos pelo seu narcisismo (p. 246).

Desse modo, compreende-se que a tatuagem pode apresentar-se como uma tentativa de encobrir o sofrimento causado pela perda desse olhar perdido na

infância que jamais será resgatado. Também podem estar relacionada à busca de um resgate do circuito pulsional, que impulsiona o sujeito a um destino social. O corpo passa a ser objeto de dor e prazer, de exclusão e pertencimento, é constantemente reinventado e somatizado e nesse corpo, o sujeito vai buscar uma baliza, um suporte, como lugar último da verdade.

Freud (1915) define o conceito de pulsão como sendo o elo entre o corpo e o psiquismo e complementa com a idéia de um corpo pulsional, marcado pelo auto-erotismo e o narcisismo.

Esse corpo para a psicanálise, segundo Lazzarini e Viana (2006), “não é uma experiência primária do sujeito. Na verdade, ele só tem acesso a este corpo mediante uma série de ações que são mediatizadas sempre no simbólico” (p.248). Nesse contexto, as tatuagens podem ser vistas como um exemplo desse acesso, visto que é fato que o corpo é também lugar de realização de desejo inconsciente, lugar da passagem do Outro, lugar de onde nasce o sujeito.

Assim, observamos que o uso de tatuagens, evidencia um sofrimento que é da ordem do psíquico, mas grafado indefinidamente no corpo. Citando Garcia (2006),

Na superfície da pele escreve-se um traço de outrora: uma lembrança, um marco, um nome, um desejo, um afeto. São vestígios que expõem o território da subjetividade pregada na carne, numa ausência de sutileza. Isso porque fica exposto! A mensagem que a tatuagem indica traduz em iconicidade a representação figural de uma memória em que o “para sempre” permanece ali aplicado; somente alterado pela precisão certa do

amadurecimento, do envelhecimento. Ou seja, as rugas do corpo reforçam o estatuto provisório da imagem tatuada que se (re)instaura pelo grafismo. (p. 19)

Pensando acerca dessas pessoas que têm a necessidade de marcar a própria pele com figuras que chocam, embelezam, cativam, podemos articular com o imperativo que estas encontram em infringirem em si mesmas uma dor física na tentativa de suplantar uma dor psíquica.

Freud (1915) já se remetia a esta necessidade de sentir dor em seu texto sobre os destinos da pulsão. Ele comenta que “as sensações de dor, bem como as outras sensações de desprazer, transbordam para a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em nome da qual o desprazer da dor também pode ser aceito.” (p. 153)

Lacan (1948) complementa esta idéia em seu texto “*A agressividade em psicanálise*”, onde afirma que “a agressividade se exerce, é claro, em meio a restrições reais. Mas sabemos por experiência que ela não é menos eficaz pela via da expressividade”. E continua falando de uma expressão específica do homem com o próprio corpo, manifestando-se igualmente na generalidade de uma série de práticas sociais – “desde os ritos da tatuagem, da incisão e da circuncisão, nas sociedades primitivas, até aquilo que poderíamos chamar de arbitrariedade procustiana da moda, na medida em que ela desmente, nas sociedades avançadas, o respeito às formas naturais do corpo humano...” (pp. 107-108)

Portanto, nota-se que a questão da agressividade, mais especificamente desta violência que retorna ao próprio eu, como no caso das tatuagens, é um fenômeno da contemporaneidade, que se expressa a partir de tentativas de se apropriar do objeto. Citando Carneiro (2004):

Podemos fundamentar uma clínica do objeto em função da posição e do pré-posicionamento, nos espaços em que o sujeito tenta a todo custo se apropriar do corpo como objeto, sem enlaçá-lo com a palavra, indicando sua desesperação por uma estética da existência. (p. 281)

Isso nos mostra que na ausência da palavra o sujeito encontra outras maneiras de se expressar, se dizer e assim afirmar a sua existência para si mesmo e para os outros, mesmo que para isso ele precise se utilizar de diversas outras formas de marcações corporais.

Nos encontramos então, diante de um sujeito que toma o objeto como transformado numa posição de consumo, como no uso das tatuagens, que pode vir “amparado pela idealização do social e que pode ser retomado sob várias justificativas, perfeitamente plausíveis à dimensão do objeto fabricado como promessa de felicidade.” (Carneiro, 2004, p.281-282)

Assim, concluímos que uma tatuagem pode se apresentar como eliminadora de um mal-estar, sem que o sujeito precise se dispor da palavra, fazendo com este vá se permitindo a ilusão de viver sem a marca da divisão que a linguagem impõe como limite ao gozo totalitário. Carneiro (2004) acrescenta que “nesse movimento podem ocorrer atos extremos, verdadeiros atentados contra o

corpo do sujeito. Tudo em busca da eliminação do mal-estar que se apresenta, imaginariamente, como uma elisão das marcas da divisão que a palavra representa...” (p.282).

Portanto, a partir das bibliografias levantadas, finalizamos com a idéia de que a tatuagem se apresenta como a dor que ampara a ausência da palavra. Além disso, ela possui uma ambiguidade que lhe é inerente: ao mesmo tempo em que abre furos (na pele do) no sujeito, também traz a ilusão de tamponar os furos imaginários deixados em uma infância perdida.

Referências

Carneiro, H. F. (Septiembre, 2004) “Sujeito, sofrimento psíquico e contemporaneidade: uma posição”. *Revista mal-estar e subjetividade*. Vol. IV, N° 2, pp. 277-295.

Castro, E. M. (1986). *Psicanálise e linguagem*. São Paulo: Ática.

Freud, S. (2004). “Pulsões e destinos da pulsão”. En: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915).

Garcia, W. (2006). *Corpo e subjetividade: estudos contemporâneos*. São Paulo: Factash Editora.

Lacan, J. (2008). *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. (Texto original de 1964).

Lacan, J. (2008). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. (Texto original de 1948).

Lazzarani, E. R.; Viana, T. C. (Mayo-Agosto, 2006) “O corpo em psicanálise”. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Vol. 22, N°2, pp. 241-250.